

DOMINGOS AMARAL

O RETRATO
DA MÃE DE HITLER

|||||
casadasletras

PARTE I
PAIXÕES

1

Londres, maio de 1996

O amor deixa-nos sempre em alarme. Alarma-nos quando começa, ou quando não é correspondido; alarma-nos enquanto dura, e mesmo que seja correspondido; alarma-nos quando acaba e nos dói; e continua a alarmar-nos mesmo que tenham passado mil anos desde o dia em que terminou. Não há homem, nem mulher alguma, que não se alarme enquanto ama, e também não há homem nem mulher alguma que, ao cruzar-se com uma pessoa que um dia amou, não sinta um sacudimento de alarme.

Muito tempo já passou, e sabemos que já não amamos essa pessoa. No entanto, alarmamo-nos como se ainda a amássemos, como se a força dos sentimentos que um dia sentimos ainda nos dominasse. Pode ser apenas por um breve instante, facilmente ultrapassado, mas não deixa de ser um estado de suprema perturbação, um alarme geral.

É assim que me sinto agora, mesmo cinquenta anos depois estou alarmado com a ideia de rever uma mulher que tanto amei. A culpa é tua, meu querido neto Paul. Disseste-me há pouco que descobriste essa espantosa mulher chamada Alice, e com isso perturbaste a minha paz e a minha serenidade, e deixaste-me, assim, em estado de alarme.

No teu habitual telefonema, começaste por me dizer que eu tinha de voltar a Lisboa, agora que o meu bisneto nasceu. Fiquei contente por ti e pela tua mulher, mas argumentei contra a viagem. Dizem que nunca devemos voltar a um local onde um dia fomos felizes. Seja a uma casa, a um trabalho, ou a um país, qualquer regresso é sempre ensombrado por um passado notável, que impede o presente de o superar.

Contudo, comigo não foi assim. Cinco décadas depois, regresses a Lisboa, cidade onde tanto vivi e tanto amei, e fui de novo feliz. Saíra de lá em 1945, no final da guerra, e durante cinquenta anos não voltara, apesar de me ter casado com uma portuguesa. Fi-lo pela primeira vez o ano passado, para estar presente no teu casamento, meu querido neto Paul, que, como eu, também casaste com uma portuguesa.

Regressei à minha Lisboa, à cidade cheia de luz que eu batizara, na comoção do dia da despedida, de «Luzboa». Pisei as calçadas da Lapa, onde antes tanto corri, passei pela bela Sintra, fui até à tão agradável Cascais e mesmo à serena Ericeira, onde tantas emoções vivi; e gostei de o fazer, meu querido neto, principalmente porque tinha a tua companhia.

Só que, Paul, não devemos abusar da sorte. Foi maravilhoso voltar uma vez, mas voltar uma segunda parece-me um desafio aos deuses, que podem enervar-se com o meu atrevimento. Regressar um ano depois, tão depressa, é uma ousadia, principalmente para um homem de oitenta e tal anos, para quem um avião é um mecanismo de tortura, como se as suas cadeiras fossem máquinas da Inquisição.

Lembra-te das minhas varizes, das minhas pernas bambas, da minha coluna massacrada, da maldita osteoporose que me infeta e me deixa os ossos como gesso velho, rachados em mil minúsculos pedaços. É o meu corpo decadente, as suas fraquezas inabaláveis, que marcam o ritmo lento dos meus dias. Sei que vou durar pouco, mais três ou quatro anos talvez. As coisas têm vindo a piorar. Os pulmões estão uma lástima, malditos *Gauloises*

que tanto fumei em Lisboa. E vejo cada vez pior, ao perto ou ao longe, pouco me importa já a distância a que as coisas estão. Sejam realistas, querido neto Paul: quanto mais velho, mais propenso a azares e mais obrigado ao sedentarismo.

Mas entendo o teu entusiasmo, e sei que não queres que volte só para conhecer o meu bisneto, mas também para te contar mais histórias do meu passado. Sei que, desde os nossos passeios há um ano, te tens transformado num especialista em Segunda Guerra Mundial, tens lido biografias do Hitler, do Estaline, do Churchill, memórias de escritores, ensaios de historiadores, e mil e umas outras palavras sobre o embrutecimento do mundo, naqueles anos trágicos entre 1939 e 1945.

Gosto muito de conversar contigo, és um rapaz fantástico, sei disso perfeitamente, embora talvez to diga poucas vezes, sou um velho rabugento que não merece o neto que tem. Sei que vibraste com as minhas narrativas, com tudo o que te contei quando aí estive, e que tens procurado mais, num entusiasmo que me comove, pois é a tua maneira de me mostrar que me amas. Tal como eu, não és muito de declarações de amor, «avô gosto tanto de ti», essas coisas açucaradas. Gostas de mim de outra forma e tornares-te um especialista em nazis e em Salazar é a tua forma de mostrar amor pelo teu avô.

Naquele preciso momento em que me alarmaste, não te compreendi, de repente, porque me perguntaste se estava sentado. Paul, por favor, claro que sim, respondi-te! Sou velho, achas que conseguia estar tanto tempo em pé, ao telefone contigo? Mas porquê essa inquirição tão melodramática? Isto não é o teu género habitual. Quando falas dos espões do MI6 ou das redes nazis em Lisboa, nunca me mandas sentar! Qual o assunto tão espetacular que merece que me sente?

Não me digas que vais falar das mulheres, disse-te! Sabes que sempre amei a tua avó até ao dia da sua morte, e embaraça-me falar contigo sobre as outras, tu és neto dela. Já te disse tudo o que tinha para dizer, e não faz sentido revelar mais

pormenores. O que eu vivi com as mulheres nesse tempo foi especial e intenso, mas só se explica pela época, pelo turbilhão da guerra. Lisboa nesses anos era única, e as mulheres também.

E de repente, tu disseste-me:

– Avô, descobri a Alice, está viva.

E eu reagi, o que dizes tu, meu neto? Repete lá isso!

– Descobri a Alice. A tua Alice, a espia. Vive numa quinta no Douro, tem oitenta e tal anos, filhos, netos e bisnetos. Como tu.

Ui, isto foi um golpe baixo, e não sei o que dizer. E foi aí que nasceu o meu alarme. Alice... Alice está viva? Tens a certeza de que é ela? Explicas-me que sim, falaram ao telefone, é a minha Alice, a Alice que amei loucamente entre 1941 e 1943, a Alice monumento físico que enlouquecia os homens, a Alice espia dupla que trabalhava para os nazis ao mesmo tempo que para o Michael, o meu melhor amigo, chefe no MI6, espião ao serviço de Sua Majestade em Lisboa.

«Dragonfly» era o seu nome de código, a bela Alice que eu expus e denunciei sem o saber, a inimitável Alice que eu amei enganado, a irrequieta Alice que elogiava Hitler só para me incomodar... Meu Deus, será possível? Será a mesma Alice de quem me despedi uma noite, no Guincho, em 1943, pensando que ela iria partir para sempre de Portugal?

Dizes-me que sim, que é a mesma, e acrescentas que não sabias que eu a tinha voltado a encontrar em 1945. Foi ela quem te disse isso? Falaram disso porquê? Será que ainda me ama, será que tem saudades minhas?

Eu não devia falar contigo sobre esse reencontro terrível. Por causa dela, quase perdi o amor da minha vida, a tua avó Luisinha. Não é tema que queira ou goste de falar contigo, percebes? Sim, eu sei que já és um homem, que a tua avó já morreu há muitos anos, mas há uma coisa que se chama respeito pelos mortos.

– Avô, foi há tanto tempo. Gostava de saber o que se passou, só isso. Estiveste dividido entre as duas, sem saber qual escolher?

Sim. No final da guerra, em 1945, a fogosa Alice voltou, e quase arruinou o meu futuro casamento com a tua avó Luisinha. Amei as duas, dilacerado por dentro, e quase enlouqueci. E foi tudo culpa de Alice, a imprevisível Alice, que me fez zangar com o meu pai, e que me quis roubar o tesouro de Hitler. Portanto, não sei se é boa ideia falar-te dela, quanto mais ir a Portugal para a ver.

– Avô, ela alegrou-se por saber que ainda estás vivo. Disse que gostava de te rever.

Paul, Paul, o que fizeste tu? Eu não quero ir, não quero vê-la! Ou quero? Deixa-me pelo menos dormir sobre o assunto, é uma emoção muito forte, muita coisa que ficou por dizer, uma ferida profunda que não devia reabrir, muitas memórias que me assaltam. Mesmo enquanto falo contigo, o meu espírito divaga: a corpo nu de Alice na minha cama; o perfume dos seus cabelos no meu ombro; Alice a subir a escadaria do Hotel Aviz, bamboleando as ancas; ou em minha casa, na Rua dos Remédios à Lapa, esticando as pernas. Os seus beijos demorados, a sua voz áspera, as suas unhas sempre polidas pela manicura, o seu olhar de corça, a sua perdição pelo dinheiro, o seu desejo de deitar as mãos a um tesouro tão valioso.

– Vá lá, avô, conta-me.

Sim, meu querido neto, eu conto, pelo menos o que posso contar. Se te conto tudo? Isso não sei, vamos vendo, à medida que formos andando. Mas não sei se quero vê-la, não sei se aguento. Sinto-me alarmado, aflito, só por falar nela, mesmo apenas ao telefone contigo estou a suar debaixo dos braços e tremem-me as mãos.

Alice, ó Alice! Em busca de um retrato maldito, quase me endoideceste. Ia morrendo por tua causa, e por causa do meu pai e daquele maligno nazi, que, na destruída cidade de Munique,

encontrou um sinistro tesouro, num dia impossível de esquecer. Sim, lembro-me bem, e vou contar-te, meu querido neto Paul. Tudo recomeçou no dia em que tudo parecia ter acabado: no dia da morte de Hitler...

2

Munique, 30 de abril de 1945

Manfred só soube que Hitler tinha morrido uns dias depois, e lembrar-se-ia sempre de que, provavelmente à mesma hora em que, em Berlim, se suicidava o chanceler do Terceiro Reich, ele apreciava a sua emocionante descoberta, na cave do Führerbau de Munique. Pelo menos, foi assim que me contou a história, meses mais tarde, quando nos encontrámos em Lisboa.

A canalização rebentara, as suas botas estavam cercadas por água pestilenta, havia cerca de um palmo de altura dela no chão. O edifício fora saqueado, à bruta, tanto pelos soldados americanos da 144.^a Divisão do Exército, que cercava a cidade há vários dias, como pelos agora ousados populares alemães, que roubavam o que podiam, sem qualquer respeito pelos seus símbolos nacionais. *Traidores*. Atirada para os cantos, havia muita mobília despedaçada, e à sua volta Manfred viu pilhas de pinturas a óleo, com rótulos específicos do país ou do artista, pertencentes ao espólio privado do partido nazi, cobertas de água.

Estar ali era um perigo, a qualquer momento os americanos podiam regressar. A cidade rendera-se já, mas à noite os conquistadores ainda se enchiam de medo, em especial dos atiradores furtivos, *snipers* nazis que se escondiam nos escombros dos edi-

fícios, camuflados pelas vigas, pela argamassa e pela calça, e cujos tiros se ouviam de vez em quando, como pancadas secas, cujo eco assustava até a própria noite.

O Führerbau era enorme e ficava na Koningsplatz, junto a um monumento aos heróis nazis do *putsch* de Munique, um golpe levado a cabo em 1923 pelo partido nazi contra o Governo legítimo da Baviera, e que valera a Hitler uma estada na prisão. Quem andasse por ali sem saber onde se esconder, como sabiam os ratos ou Manfred, corria risco mortal.

Na imensa cave, que ele me descreveu, guardavam-se numerosos tesouros, pertencentes ao próprio chanceler do Terceiro Reich. Manfred estivera lado a lado com Hitler por diversas vezes no Führerbau, pois era lá que este se instalava sempre que vinha a Munique. E era lá que guardava os seus bens pessoais, naquelas caixas de cristal partidas, muitas delas com o monograma A. H. gravado nos lados, e que agora chocavam com outros detritos, desordenadas, na água escura que encharcava a cave.

De repente, Manfred reconheceu uma delas e o seu coração acelerou. *Encontrei-o*. Certa noite, fora lá dentro que Hitler colocara o seu diário. Avançou sobre a caixa, deu-lhe uma pancada com a ponta da bota cardada e a fechadura cedeu, emitindo um estalido frouxo.

Na véspera, Manfred desertara, ajudado pela confusão desesperada que reinava nas tropas nazis. Escondera-se a três quarteirões da Koningsplatz, num prédio esventrado pelas balas da artilharia aliada, enquanto os soldados americanos entravam na cidade, ao final da tarde. Às três da manhã decidira agir, determinado a cumprir um objetivo superior à mera sobrevivência. Roubara umas roupas e vestira-se à paisana. Agora, já não era um coronel SS, mas um civil, com uma pistola escondida no cinto. Alto e de testa larga, espadaúdo e loiro, mal vestido e envolto em trapos poeirentos, com a cara coberta de fuligem e olhos azuis frios como o gelo, Manfred era portador de uma crença profunda. O Führerbau podia ter sido violado com brutalidade, mas nem

os americanos, nem os habitantes da cidade conheciam os mistérios daquela cave. *Só eu.*

Abriu a tampa da caixa, e retirou lá de dentro um estojo preto, que continha um relógio de ouro, também ele com as iniciais A. H. Depois, procurou o livro vermelho, mas depressa a angústia lhe encheu a alma, pois percebeu que desaparecera. *Canalhas.* Abanou a cabeça, desolado. Esperara com entusiasmo febril o momento em que colocaria as mãos no diário de Hitler. Frustrado, observou muitas páginas rasgadas, flutuando naquela água podre, e sentiu uma primeira onda de raiva. *Escumalha.*

Precisava daqueles tesouros. Sem o diário, teria de encontrar outras preciosidades. Apontou a sua lanterna para o chão escuro, examinando a superfície inundada. Remexendo no entulho, aos pontapés, afastando a lama e a restante porcaria, ao fim de meia hora descobriu outra caixa, com idênticos monogramas gravados nos lados.

Reanimou-se. Sem forçar demasiado as dobradiças, iluminou com o foco de luz o interior do pequeno baú. Havia vários estojos pretos. Abriu o primeiro e viu uma arma, com as gravações A. H. na coronha e no cano. Manfred sorriu: era a pistola de Hitler! *Agora é minha.*

O segundo estojo envolvia um globo dourado, com símbolos nazis gravados nos polos. Abriu-o, pressionando o topo contra a mão, e aos seus olhos apareceu um anel de ouro, platina e rubis, em forma de suástica: o anel que Hitler usava nos eventos mais importantes. Manfred vira-o, há meses, no dedo anelar do Führer. *Lindo.* A sua respiração agitou-se: aquilo ia garantir-lhe a fuga e a liberdade, permitir-lhe escapar aos americanos e ao fuzilamento!

Havia outros pequenos estojos, sempre pretos. Encontrou dúzias de moedas de ouro antigas; uma moldura dourada envolvendo a fotografia da cadela de Hitler, com o nome *Blondie* escrito no verso pela própria mão do Führer; uma medalha com uma cruz; e, por fim, um exemplar da revista *Time*, de 13 de março

de 1933, com a imagem de Hitler na capa, tirada aquando do seu discurso ao Parlamento alemão, e acompanhada pelo título «Renascimento ou Bolchevismo?»

Satisfeito, recolocou os artefactos no baú, cuidadosamente, e ao fazê-lo deu-se conta de que, no fundo dele, havia ainda uma última e pequena gravura oval, com uma moldura prateada. Examinou-a. Era o retrato da mãe de Hitler! *Klara Hitler, o ventre sagrado!* Sofreu uma comoção violenta, uma mistura de orgulho e euforia apossou-se dele. Fora naquelas entranhas que o mundo começara a mudar! Milhões, em todo o planeta, iriam querer ver o retrato desta histórica mulher, que gerara o supremo líder da Alemanha nazi!

Uma segunda onda de raiva fê-lo estremecer: eles iam ver, a vingança seria monumental! *Voltaremos*. Imaginando um grandioso futuro, Manfred fechou o pequeno baú com os tesouros, e saiu, a rastejar, do Führerbau. Horas mais tarde, segundo o seu relato, estava a caminho da saída sul da cidade, com a caixa escondida no casaco, aos ziguezagues entre crateras no chão e prédios tombados, atento a qualquer perigo, como um lobo solitário, que um apurado instinto de sobrevivência preserva vivo.

Munique encontrava-se cercada, a leste pelos russos, a oeste e a norte pelos americanos, mas a sul a tenaz fraquejava, aliviando o pressão e abrindo uma rota possível. Para lá dos limites da cidade, ficava a Baviera, onde tinha conhecimentos em várias aldeias, e a fuga seria mais fácil. *Não me apanham*. Assim foi.

No entanto, desconfio de que apenas me brindou com um resumo insípido, desprovido de confissões criminosas. Não duvido de que, pelo caminho, matou e cometeu atrocidades, ele era capaz disso, e talvez tenha sido essa implacável ferocidade que lhe permitiu chegar à fronteira com a Áustria em apenas dois dias, ao volante de uma camioneta roubada, com o pequeno baú escondido a seu pés, debaixo do banco do condutor. *Safo*.

*

O RETRATO DA MÃE DE HITLER

Se queres que te conte tudo, meu querido neto, é preciso ter paciência. Sou dado aos detalhes e prometo não esquecer nenhum que seja relevante. Mas agora vamos ter de parar, agora estou cansado, vou desligar. Telefona-me amanhã. Prometo falar-te de uma pessoa fundamental, que nesses dias voltou à minha vida, ainda antes de Alice. Não, não vou dizer já quem foi, querido Paul. Fala-me amanhã. Boa noite.

3

Lisboa, 3 de maio de 1945

Por vezes, antes de nos aparecer em pessoa, é nas palavras dos outros que alguém regressa à nossa vida. Foi assim com Alice. Primeiro, voltou nos relatos de terceiros, e só tempos mais tarde nos reencontráramos, finalmente. Sentado à minha secretária, no escritório da companhia de navegação onde trabalhava, numa rua próxima do Cais do Sodré, naquela tarde eu lia *O Século*, sem pausas, mas também sem pressas. Jamais me passaria pela cabeça que, minutos depois, iria ouvir falar de Alice; ou de mirabolantes fugas de alemães perigosos, como Manfred; ou da busca frenética por tesouros nazis, com que o meu pai se entretinha por esses dias, com a ganância de um pirata do século XVII.

Naquele momento, e um pouco macabúzio, limitava-me a ler as sensaboronas prosas jornalísticas do dia. Hitler morrera no dia 30 de abril. A BBC dera a notícia nessa mesma noite, Lisboa ouvira-a pela voz de Fernando Pessa, e a imprensa escrita inglesa apresentara-a, nas suas primeiras páginas, no dia 2 de maio, depois das confirmações oficiais.

Contudo, devido às limitações da censura, só no dia seguinte, em textos envergonhados e sem especial condenação das suas tremendas ações, é que os jornais portugueses noticiavam o

assunto. Hitler lançara o mundo na mais violenta guerra da história da humanidade, mas para os escribas de Salazar era ainda um «grande estadista». Que prosa entediante, mais valia ler a enciclopédia dos animais, com que me entretinha à noite, em casa!

Irritado, lembrei-me da profecia da minha mãe. Católica, portuguesa, lúcida e serena, filha de boas famílias de Moçambique, ela previra pouco antes de morrer que as reparações que os Aliados tinham imposto à Alemanha em Versalhes, depois da Primeira Guerra Mundial, eram uma violência económica, que impediria o país de se levantar, com mínima dignidade, do chão e da derrota. Da boca da minha mãe soltara-se uma profecia sombria: revoltada, a Alemanha depressa se transformaria num monstro vingativo, consumido e alimentado por uma raiva danada, que um dia fustigaria os seus opressores, os outros países europeus.

A minha mãe morreu em Sydney, tinha eu 12 anos, no início da década de 20 e muito antes de Hitler ser um político relevante na Alemanha, mas infelizmente a sua profecia tornou-se verdadeira. Duas décadas depois de ela morrer, aquele ditador transformara a Europa num brutal cemitério, destruíra nações inteiras e varrera do mapa cidades seculares, qual monstro vingativo das histórias mitológicas, que lança a hecatombe e a morte por onde passa, sobrevoando as suas presas, cuspidando fogo à direita e à esquerda.

Finalmente morrerá. Segundo os jornais, suicidara-se no seu *bunker*, juntamente com a sua fidelíssima companheira, Eva Braun, tendo depois sido queimado, os restos enterrados nos jardins da Chancelaria de Berlim. Julgo que ninguém realizara ainda o significado total daquela morte. Era demasiado cedo, ainda estávamos mergulhados em pensamentos e emoções guerreiras, sem a plena consciência de que, com o desaparecimento de Hitler, a tragédia planetária aproximava-se do seu tão desejado fim. Apesar de a Alemanha ainda não se ter rendido, e de o Japão continuar a resistir ferozmente aos americanos, na estéril ilha de Okinawa, aquele era o *gong* terminal, que anunciava ao mundo a derrocada dos nazis e do Eixo.

Durante mais de uma década, a Europa vivera refém de Hitler, das suas ideias e dos seus atos, dos seus pensamentos negros e das suas emoções desvairadas. A sua figura histriónica, por mais absurda, delirante ou ridícula que fosse, dominara a nossa imaginação coletiva. A representação do mundo mudara, a dinâmica da humanidade alterara-se, os nossos corações modificaram-se, as nossas razões transformaram-se por causa de Hitler. No centro do universo, tudo se definia por ele, ou contra ele. Fosse nos desertos africanos ou nas estepes russas, nas areias da Normandia ou nas calçadas de Portugal, era Hitler quem marcava o ritmo do nosso tempo.

Em Portugal, também. Desde 1939, mas sobretudo a partir de 1941, quando o Terceiro Reich invadiu a URSS, Portugal dividiu-se ao meio, entre os pró-germânicos, defensores de Hitler e da Alemanha nazi, e os pró-aliados, aqueles que o odiavam, fossem eles democratas, ingleses, comunistas, defensores do capitalismo americano ou republicanos, socialistas ou apenas simpaticizantes da velha aliada de Portugal, a Inglaterra. Hitler dividiu os jornais, o regime, a PVDE (a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), os militares, os empresários, os trabalhadores, os agricultores, a Igreja e, claro, dividiu as famílias portuguesas como nunca antes um líder europeu tinha conseguido.

Hitler, sempre ele, a provocar a discórdia. E também a arruinar-me os namoros. Durante a guerra, apaixonara-me três vezes. Primeiro, e em 1941, por Mary, uma inglesa que me recrutou para os serviços secretos em Portugal; perto do final, já em meados de 1944, emocionara-me com Anika, uma jovem alemã, conspiradora contra os nazis; e pelo meio, em 1943, o meu coração batera por Alice, a mais forte paixão da minha vida.

Hitler intrometeu-se entre mim e Alice. Por causa dele, discutimos violentamente pela primeira vez, e ergueu-se entre nós uma parede de incompreensões. Ela admirava Hitler, a sua luta contra Estaline e os comunistas, e exaltei-me ao ouvi-la defen-

dê-lo. Desatei a gritar-lhe, e respondeu-me à letra. Descontro-lámo-nos, dois amantes desavindos num arrufo mais intenso, e dei-lhe uma estalada, tendo ela ripostado, atirando-me com violência um sapato à cabeça. Agredimo-nos e minámos o nosso amor de forma irreparável.

Hitler, sempre ele, a tornar-nos pequenos monstros agressivos, que mostram os dentes e as garras uns aos outros... A minha mãe tinha razão na sua profecia, se ela estivesse viva gostaria muito de a ver sorrir, feliz com a morte do monstro. Mas, infelizmente, ela já cá não está há muito tempo e é também por isso que me sinto tão sozinho, e leio *O Século* devagar, perdendo-me em recordações melancólicas.

Sofri uma longa série de perdas, muitas pessoas partiram cedo de mais da minha vida. A minha mãe, as minhas paixões, Mary, Anika e Alice, o meu melhor amigo, Michael, todos morreram ou me deixaram muito antes do que deviam, e eu fiquei para trás. Sem mãe, sem amigos, sem mulher.

O que me vale é que também eu estou de partida, vou deixar esta Lisboa, esta cidade que devia chamar-se «Luzboa», devido à maravilhosa luminosidade que a caracteriza, e que sempre iluminou, sem descanso ou hesitação, tanto os meus amores como os meus sofrimentos.

O meu pai, dono da companhia de navegação para a qual trabalho, escreveu-me há dois meses, dando instruções para «levantar a tenda». Justificou-se e tem razão, Lisboa já não é o local «onde tudo acontece». Com a guerra a chegar ao fim, já abriram muitos portos no Mediterrâneo, como Nápoles, Atenas, Marselha, e alguns no Norte de África.

Lisboa perdeu o monopólio dos mares, a sua condição de única porta de saída da Europa. Desde 1940 e durante cinco anos, Lisboa foi o único grande porto europeu aberto, a única rota livre e não dominada pelos nazis. Embora o Atlântico tenha sido um oceano perigoso, por causa dos submarinos *U-boats* do almirante Doenitz, a verdade é que os navios de passageiros e

mercadorias chegavam quase sempre intactos a Lisboa, e de cá partiam para as Américas, do Norte e do Sul, para a África e para o Índico.

Lisboa reinou, solitária, nesses anos, um raro farol de liberdade numa Europa submetida ao jugo nazi, e era o local certo para expandir os lucros de uma companhia de navegação, que o meu pai nos negócios raramente se engana. Foi por isso que, no início da guerra, ele me nomeou diretor da companhia aqui, antes de partir para as Américas, onde se sentia mais seguro, pois, apesar de ser uma águia comercial, não é a pessoa mais corajosa que conheço.

Não tenho saudades dele e não me queixo da sua ausência. Os seus caprichos, os seus berros, o seu temperamento irascível e instável, o seu sentido de humor ácido, transformaram a minha hereditariedade num deus irado e desagradável. Só de pensar que me quer em Nova Iorque, ao pé dele, invade-me um mal-estar pesado, como se a digestão de um exagerado almoço tivesse parado no meu estômago. Desde que a minha mãe morreu, tentámos, sem sucesso, conviver, e aprendi que a distância é a única garantia da minha tranquilidade.

Contudo, é o dono da companhia e, portanto, tenho de executar as mudanças que ordena. «Quem paga, manda», escreveu ele, na sua missiva, mas nem era necessário. Não me custa deixar Portugal, nada mais me liga a este país. Já não sou espião do MI6 há meses, e só tenho dois amigos: Harry, o dono do Aviz, e Roberto, o mais divertido e leal taxista de Lisboa, que goza sempre com o bigodinho de Hitler, e com quem desejo celebrar a morte do «facínora», como ele lhe chama.

Quanto a mulheres, estou no deserto. Tenho uma única amiga: Luisinha. É a irmã mais nova da minha antiga noiva, Carminho, que entretanto morreu. Duas vezes por mês, costumamos ir ao cinema, depois tomamos um chá na Suíça. Afeiçoei-me à sua companhia. É uma rapariga imensamente simpática, sei que me admira, mas nunca nasceu desejo entre nós, só um sentimento

bonito de amizade. É evidente que, às vezes, sentados no cinema a ver um filme americano, encostamos os ombros, ou damos a mão numa cena em que ela se assusta, mas não passamos daí, e qualquer instinto menos próprio morre no escuro.

Talvez porque eu ando amorfo, e ela é uma portuguesa de boa família, conservadora, daquelas a quem as criadas chamam «menina», e que são educadas numa moral católica, bem mais apertada do que as saias que já usam, e que garante que chegam virgens ao casamento. Sei que cresceu, já não é a rapariga inocente que conheci, e por vezes dou por mim a apreciar o seu corpo. Mas nunca me aventurei, nem ela mostrou abertura. Há semanas que não a vejo, foi para Évora, passar a Páscoa em casa de uma tia, e ainda não voltou.

Vou ter saudades dela, bem como de Harry e de Roberto, mas a vida é assim. É tempo de partir, agora que a guerra acabou e Lisboa vai aos poucos regressar à paz podre do regime de Salazar. Estes foram, apesar de tudo, anos diferentes. Portugal, mesmo contra a vontade de Salazar, durante a guerra teve de se abrir aos refugiados, às novidades que eles traziam, à confrontação entre alemães e ingleses, às divisões políticas vindas de fora. Não estando em guerra, Portugal foi forçado a aceitar a guerra e as suas consequências imprevisíveis, e isso criou um ambiente original, como se um quadro acinzentado tivesse sido, de repente, atravessado por pinceladas de cores vivas, que o aligeiram.

Durante seis anos, o país foi uma espécie de oásis no deserto da Europa, mas agora isso vai mudar. Como uma ostra, o regime de Salazar fechar-se-á, e não me apetece nada viver nesse país que Portugal será daqui a um ou dois anos. Mais vale partir já, com boas memórias dos anos que cá vivi, do que assistir ao regresso das sombras.

Até porque, mesmo não tendo conhecido a guerra de perto, sinto que estes anos me desumanizaram. Há uns anos, era um homem diferente e melhor, mas mudei muito. A guerra transformou-me num mentiroso, num vingativo, num ser muito pior

do que era. Hoje, sou mais duro, mais egoísta, mais desumano, mais indiferente aos outros. Fui capaz de trair, de ser infiel, de manipular e até de matar. Sujei-me, corrompi-me, mudei para sempre. E gosto menos de mim hoje, sinto-me pior na minha pele do que há seis anos, quando a guerra teve início. Talvez num outro lugar, num outro país, possa recomeçar, melhorar, ultrapassar esta lenta, mas progressiva, degradação da minha personalidade.

De repente, oiço barulho no corredor, uma voz que se sobre põe às outras, alguém que fala inglês, num tom autoritário. Demoro alguns segundos a identificar o autor dos sons, o meu cérebro recusa-se a admitir a verdade. Incrédulo, levanto os olhos do jornal *O Século*, vejo a porta do escritório abrir-se e uma cabeça espreitar. Uns olhos brilhantes e ágeis procuram-me.

O meu pai.

*

– O meu bisavô?

Sim, Paul, ele mesmo, em carne e osso.

– Pensava que nunca mais se tinham visto...

Isso foi depois de Lisboa. Zangámo-nos, para sempre. A culpa foi dele, como irás perceber. Ou terá sido minha? À medida que os anos passam, vou tendo cada vez menos certezas sobre a minha vida. Mas deixemos a atribuição de culpas suspensa por agora, primeiro é preciso conhecer os factos.